

ECONOMIA

Mudanças vão agitar o setor de telefonia

Analistas de mercado dizem que os gigantes do setor estão ensaiando uma nova onda de fusões e lançamentos

RIO – Sete anos após a venda pulverizada da Telebrás, alguns poucos grupos de telefonia dominam o mercado nacional. Mas o movimento ainda não acabou.

Esses gigantes ensaiam nova rodada de fusões e aquisições de causar inveja a qualquer leilão de privatização. Na telefonia fixa, o movimento passa pela solução do conflito na Brasil Telecom (BrT) e até pela venda da Telemar, dizem analistas.

No serviço de voz a consumidores residenciais, nunca hou-

ve mesmo concorrência de verdade, e o usuário não deve ter surpresas em termos de tarifas.

O mercado aposta ainda na saída de uma das quatro grandes operadoras de celular – e enquanto isso não acontece a guerra de preços deve continuar.

As apostas, as empresas não comentam, em um mercado onde o segredo é fundamental. Por trás de toda essa onda está a tendência global de oferecer pacotes completos ao consumidor: telefonia fixa de voz em casa e no escritório, telefonia celular, DDD, DDI, transmissão de

dados e acesso à internet.

Ganha força, por exemplo, a telefonia de voz por internet, com preços muito menores. A questão mais iminente é a da BrT.

A Telecom Italia, que quer integrar sua TIM nacional com telefonia fixa e internet, saiu na frente na disputa pelo controle total da BrT ao fazer um acordo com um inimigo histórico: o Opportunity aceitou vender sua parte aos italianos.

Parece simples, mas não é. Os outros dois sócios – fundos de pensão e Citigroup – até querem vender, mas contestam o acerto na Justiça, pois querem mais explicações.

“Os italianos querem o controle total. Os fundos e o Citi querem desinvestir. No médio prazo isso deve se resolver”, acredita a analista de telecomunicações Luciana Leocadio, do BES Securities.

KADIDJA FERNANDES - 05/05/2004



Telefonia celular: vendas

Portugueses querem fatia maior no País

RIO – O que se comenta no mercado é que os portugueses só deixariam a Vivo se estivessem com outra aquisição engatilhada – por exemplo, da Telemar, que atua em 16 estados, incluindo o Rio.

Alguns grandes operadores já deixaram o Brasil. Foi o caso da americana MCI, que vendeu a Embratel para a Telmex, da Bell South e da Bell Canada. Ainda há alguns ativos menores que podem causar marolas.

Um deles é a GVT, que explora a Grande São Paulo, o Centro-Oeste, o Sul e alguns estados do Norte e é considerada uma empresa enxuta.

A Telefônica estaria interessada, assim como a Telmex, do empresário mexicano Carlos Slim, que além da Embratel tem a Claro e a Vésper.

A Intelig, empresa-espelho da Embratel, foi posta à venda por seus acionistas estrangeiros, mas já chamou mais atenção.

Por um preço módico, ainda pode ser uma opção, porque o código 23 é uma marca forte em longa distância.

Se a Telecom Italia não conseguir controlar toda a Brasil Telecom, fica em situação complicada diante das companhias com operações fixas e móveis integradas. Se a Telemar for comprada por um dos grupos que já estão no Brasil, isso eliminaria a Oi. Mas se a Vodafone levar a Telemar, poderá fortalecer a Oi.

As celulares Telemig e Amazônia têm dois grandes interessados: a Claro e a líder Vivo.



Telefonia fixa: negociações

Telemar é o grande lance no novo mapa

RIO – A negociação que desenharia o novo mapa das telecomunicações no país é a venda da Telemar, concordam especialistas.

Uma fonte ligada ao Conselho de Administração da companhia revela que desde a privatização a Telemar vem sendo preparada para uma possível venda, e que hoje os donos mantêm conversas com a Portugal Telecom (PT), a inglesa Vodafone, o empresário mexicano Carlos Slim (o homem mais rico da América Latina) e, mais recentemente, até com a Telecom Italia.

“Está pronta para empacotar e vender. Há conversas adiantadas com pelo menos três interessados”, garante a fonte.

A analista Luciana Leocadio, do BES Securities, acha a venda é factível, mas não agora. Ela diz que no mercado financeiro as ações ordinárias (com direito a voto) estão mais valorizadas que as preferenciais justamente por causa dessa perspectiva de troca de controle um dia.

O analista Eduardo Roche, da Agora Sênior, lembra que para ser vendida a um grupo que já atua no Brasil a Telemar precisaria da anuência da Agência Nacional de Telecomunicações – uma empresa não pode ser dona de duas concessões.

Uma fonte ligada aos acionistas da Telemar afirmou que a geração máxima de valor – em bom português, o momento ideal para vender por um caminho de dinheiro – ainda está longe.



Conta de telefone: previsão é de novidades no mercado brasileiro para os usuários

Mercado de celular em guerra

Num mercado dominado por Vivo, TIM, Claro e Oi, duas operadoras de celular estão isoladas no mapa: Telemig Celular e Amazônia Celular, ambas do Opportunity, dos fundos de pensão e do Citigroup. Vendidas elas serão, não há surpresa nisso.

Mas dez entre dez especialistas apostam também que uma das quatro gigantes desaparecerá.

Se na telefonia fixa – linha em casa para falar com amigos e parentes, no sentido mais básico que o consumidor conhece – a concorrência não veio, por ser impossível replicar a estrutura de uma Telemar ou de uma Telesp; na telefonia celular o mercado vive uma guerra.

O resultado são estragos nos balanços financeiros das operadoras. Difícil é acertar qual das quatro grandes sairá.

